

SOBRE SER NEGRA

ABOUT BEING BLACK

Jéssica Rosane Rodrigues Gomes
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
jessicarosanne.to@gmail.com

Adriano Castorino
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
adrianocastorino@mail.uft.edu.br

Resumo: Este texto é um ensaio livre sobre minhas memórias, nele faço um percurso desde minha infância até a minha chegada ao mundo universitário. Também comento minha trajetória pelo quilombo. O objetivo deste texto é fazer uma reflexão a partir de minha experiência.

Abstract: This text is a free essay on my memories, in it I make a journey from my childhood until my arrival in the university world. I also comment on my journey through the quilombo. The purpose of this text is to reflect on my experience.

Introdução

Neste texto, que fiz sob a orientação de Adriano Castorino, faço um tipo de memória de mim mesma. O texto é escrito na primeira pessoa. Esta escolha também foi importante porque a ideia de autoria aqui também é importante para mim e para o discurso aqui narrado. No processo de escrita deste texto, que vamos chamar de ensaio, houve muita discussão. Sobretudo porque eu não consegui entender muito bem a proposta.

Algumas leituras, no entanto, me ajudaram. Conhecer o texto de Nilma Lino Gomes (1995) foi fundamental. Para mim foi fundamental perceber nela, nos textos e na luta, a força da mulher negra. Também vi muitos filmes, entre os quais Doze anos de escravidão, Django livre, Quilombo, Mississippi em chamas, Besouro, Cafundó. Ouvi também as músicas dos Racionais MCs, Emicida e Rappin Hood.

Para a gente saber como é ser negra, mesmo para mim, é um processo longo. Para eu entender um pouco dessa dificuldade, li um pouco do texto de Neusa Santos Souza (1983). Para ela “saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA, 1983).

Esses são os meus pressupostos. Esse texto é o resultado de um processo de esforço pessoal e de leituras compartilhadas, tanto com meu orientador e coautor deste ensaio quanto de muitas outras pessoas. A experiência escolar que eu tive sempre reforçou o preconceito, por isso, sobretudo, decidir fazer esse texto.

EU NEGRA

Tornar-se NEGRA está sendo um processo libertador para mim, conseguir identificar e compreender o motivo pelo e qual sempre tive que trabalhar dobrado e me esforçar ainda mais para conseguir chegar ou entrar em certos lugares. Essa dificuldade toda não é somente pelo recorte da classe social inferior (pobre mesmo) tem outros fatores, um deles e também por ser mulher e o outro por ser negra. Já chega, de achar que sou parda ou mascarar os preconceitos estruturais que ocorre diariamente. Nesse texto pretendo compartilhar um pouco da minha trajetória de vida e a experiência que vivencio e conhecer uma comunidade quilombola.

Tem pontos que ao escrever, eu sorri bastante com o conflito que foi minha formação enquanto cidadã e profissional em alguns pontos chorei muito por perceber o abismo e as desigualdades sociais que nós negros e pobres suportamos diariamente. Fiquei imensamente orgulhosa e envaidecida com nossa força, coragem e resistência. Muitas vezes silenciamos diante de muitas situações, mas isso não quer dizer que esquecemos ou que negligenciamos, estamos como sentinela esperando o momento oportuno para falar.

Não sei se você que está lendo agora estas linhas vai se identificar com esta vida Severina de ser negro numa sociedade como a nossa. Mas somos remanescentes apesar das dores e terrores, conseguimos cantar, prostrar e sorrir de nossas dificuldades. Por que em muitas vezes temos que engolir o choro e olhar para frente e prosseguir. Eu vi isso no caso da comunidade Mumbuca e Prata localizada no Parque estadual do Jalapão no estado do Tocantins e colocar um chapéu sobre a cabeça porque o sol e escaldante e seguir adiante, pois a areia tem bastante.

Anos se passaram em minha vida, as palavras não vêm facilmente para falar da descoberta de minha negritude. Em minha infância e juventude sempre me achei diferente, antes levava na graça, porque meu irmão tem a tonalidade de cor de pele mais clara que a minha, quando íamos nos apresentar a alguém eu procurava logo me antecipar e justificar “olha sou filha do mesmo pai e da mesma mãe e sou mais moreninha porque eu fui projetada durante a noite”. Hoje percebo que não aceitava muito bem a minha cor.

Tenho muitos contos sobre a saga de tentar aceitar meu cabelo. Não foi tarefa fácil, relembro muitas situações em que odiava aquelas tranças que minha mãe fazia e para completar nas pontas de cada uma amarrava com um pedaço de tecido que sobrava dos recortes para tecer tapete.

Meu pai trabalhava em uma fazenda e sempre pela manhã eu sentava na cancela do curral e ficava aguardando meu pai desmamar os bezerros, para levar o leite à cidade e dizia que estava pedindo justificativa para deus porque as vacas tinham cabelos, elas tinham cabelos loiros e bonitos e os meus era um volume terrível.

Certa vez cheguei a pegar o rabo de uma vaca depois de sacrificada e fixei no chapéu do meu pai para sentir aquela sensação daquele cabelo em minhas costas. Porque quando soltava meu cabelo quando ia para escola as pessoas sorriam de mim, me chamava cabelo de arapuça.

Já fiz de tudo tentando dar um jeito em meu cabelo para esconder a raiz. Em outra vez uma cabeleira disse que iria mudar a estrutura dele que ele iria sair do salão disciplinado e que eu tinha que obedecê-la, em questão de segundos meu cabelo derreteu com o processo químico que ela estava aplicando nele. Já usei vários apliques, perucas. Somente agora fiz as pazes com meu cabelo.

Minha casa era de adobo, não tinha nem água encanada nem energia elétrica, tinham que encher os potes na fonte, conseqüentemente todas as atividades doméstica, sempre no trajeto conversava com as árvores relatando minhas histórias, cantando, sempre gostei de escrever, às vezes para mim mesma o diário era meu escudo, tudo que não podia falar eu escrevia.

Comecei a trabalhar com 9 anos de idade, meu primeiro salário foi um kit de giz de cera, dormia com ele embaixo de meu travesseiro, trabalhei muito tempo como doméstica. Em algumas casas que trabalhei tinha biblioteca, quando fazia faxina esquecia do mundo, ficava lendo, certa vez fui pedir emprego na casa do diretor da escola, era o local onde a remuneração era a melhor, na época aproximadamente uns 120 reais e onde eu estava era 70 reais, eu queria ganhar melhor para conseguir pagar um curso de informática e comprar uma bicicleta para mim e meus irmãos (consegui).

Trabalhava de segunda a sábado, lavando, passando, cozinhando, cuidando de criança e dois cachorros, esse diretor me disse palavras que me motivaram bastante, que meu lugar não era na cozinha que não sentia confortável em me ver lavando seu banheiro, ao invés de me conceder a vaga de emprego ele deu um livro do autor David Schwartz chamado a Magia de pensar grande, me marcou muito esta ação ainda mais porque já vivia sonhando no mundo da lua, foi um livro percussor na minha trajetória.

No meu imaginário não sofria preconceito, mas o racismo é uma doença que vai lhe matando lentamente quando passamos a assumir nossa negritude e o melhor antídoto de muitos males. Sou de uma cidade cultural, mas tenho um conhecimento superficial sobre os rituais e festejos, agora que estou correndo atrás para resgatar estas memórias, me afastei devido ter entrado na religião

evangélica que de certa forma demoniza grande parte da cultura de nossos/as ancestrais negros/as. Com relação ao pertencimento, frequento vários lugares e culturas, mas intimamente não as reconheço como identidade e uma espécie de diáspora, é estranho, mas a influência da igreja evangélica é grande, a igreja trabalha para desmontar a cultura afro-brasileira. Me sinto imigrante de mim mesma.

Estou correndo contra o tempo, procurando ter contato e compreender a minha cultura, por não ter sido educada com a possibilidade de conciliar cultura e fé. Hoje a religião para mim não é mais algo binário, sou taxada de rebelde, mas não ligo muito. É preciso se desconverter para que eu consiga me ver como negra.

Tive diversas dificuldades. Sofri porque vivia em um cenário que queria ser perfeita em tudo, sempre me esforçar o máximo para agradar minha mãe e todos a minha volta. Mas na verdade era uma forma de me defender em não ter que bater de frente, porque no fundo acreditava que eu era a parte mais frágil. Sempre eu fazia de conta que eu nunca era negra, nunca era preta, embora minha cor seja escura, eu fazia de tudo para ser uma princesa, lógico que como uma princesa, eu teria de ser recatada, meiga e do lar. Um imenso problema para mim, porque mesmo fingindo ser obediente, eu sou rebelde, sempre rebelde.

Na escola, alguns colegas sempre riam de minhas roupas, eu não entedia, na época, porque era minha mãe que customizava minhas roupas com tanto amor. A roupa nova só usava apenas uma vez no ano no réveillon.

Senti ainda bem jovem a pressão do preconceito na escola, lembro que estudava em uma escola rural, era uma peleja para conseguir chegar à escola, já tive que a caminhar 9 km a pé, não tinha micro-ônibus para todos os estudantes, outras vezes íamos de caminhão na chuva e lama ou sol e poeira. O colégio chamado Centro Educacional Adonias Pereira, quando migrei para estudar na cidade, no colégio Padre Gama me chamavam de burrinha do centro e de macaca, era uma forma que as pessoas tinham de se sentir superior a mim por estudar na região urbana da cidade, também reforçar o preconceito.

Com relação à saúde lembro que uma vez, necessitei que fizesse uma consulta odontológica tive de enfrentar uma fila terrível na casa do prefeito municipal na época para ele dar uma autorização para dentista me atender, eu era filha da faxineira da escola e oposição política e negra. Quando relembro este fato fico pasma com tamanho absurdo e abuso.

Não gostava de contrariar as pessoas, deixava passar muita coisa por receio de ser interpretada mal, mas desde criança ninguém nunca solicitou minha opinião e nos espaços que passava também não era provocada. Sempre falava aos outros um sim mesmo querendo ia dizer não, talvez seja por isso que de muitas pessoas dizem que está tudo bem sendo que está tudo mal. Tinha vezes que estava com muita fome, quando alguém perguntava se já tinha me alimentado mesmo assim eu dizia sim, dizia sim mesmo com fome. Foi um processo dolorido para conseguir me livrar desta concepção equivocada, fico em vigilância comigo mesma para não me permitir sentir assim. Não que quero ser melhor que ninguém, mas também não sou inferior a ninguém.

Tive fases em minha vida que foi de transição importante, me perdi em alguns momentos achei que era classe média porque queria estes presentes nos movimentos sociais, teve uma que fui totalmente influenciada pela mídia, que me desconectei de minha origem. Fui até nas marchas em favor da saída da Presidenta Dilma, para se ter uma ideia de como a igreja evangélica faz uma lavagem cerebral na gente. Na igreja eu era levada a me sentir como a classe média, mesmo eu sendo pobre. Lá eu era estimulada a defender posições conservadoras e que sempre negavam a minha origem.

Quando me casei foi um impasse grande, longo para eu conseguir descompactar o credo religioso da minha cabeça, era vítima de violência doméstica e não conseguia identificar, acreditava que a culpa era minha, quase morei dentro da igreja tentando encontrar forças para suportar. E cheguei a uma conclusão que naquele espaço tinha muita emoção e pouca ação de forma geral, pois sempre que chegava a casa era a mesma coisa em dose dupla, mais agravada. Não aguentava mais, eu me sentia a pior pessoa do mundo, vegetando sem identidade, porque eu passei a ser réplica do meu parceiro, ele ditava tudo, até o tamanho da calcinha que eu usava, estava perdida, desiludida dentro de mim mesma. Depois que comecei a ler a respeito do preconceito, leituras de autores mais à esquerda, progressistas, foi que vim perceber que não tinha nada a ver com o

mundo espiritual, era um relacionamento totalmente abusivo.

Certa vez, ele me ameaçou com uma faca pressionada em minha garganta para me obrigar a fazer o que não queria naquele momento, ou seja, queria me forçar a fazer sexo. Por muito tempo oração, flores e lágrimas conseguia me cravar naquele estilo de vida, depois tive que pedir socorro para mim mesma para me arrancar dali, pois a vida era minha e eu estava a sucumbir a cada dia. Quebrar o laço do sagrado foi muito difícil. A igreja aliena a gente. A igreja age em conluio com o machismo, com o sexismo. Uma mulher negra, de cabelos alisados dentro da igreja, violentada todos os dias e ninguém nada fazia, o que diziam para mim é que a mulher sábia edifica o lar.

Atualmente me proibi de pensar em casamento ou ter filhos por tempo indeterminado, quero continuar a conhecer o universo de coisas que a princípio parece impossível para uma mulher, sobretudo se ela for negra. Quando passei a me enxergar de fato, olhar no espelho, as coisas em minha mente começaram a mudar porque na verdade sempre fui remanescente de quilombola, descendente de negro e de negra, embora em silêncio, mas sabia da minha luta. Hoje quero conexão com o mundo através das palavras.

Em relação à negritude me achava parda, branca, amarela, verde tudo menos negra, eu queria despontar de igual para igual para provar que eu também era competente. Sendo que são as diferenças que nos tornam diferentes, no estudo não tem nem como equiparar com alguém que teve mais privilégios. Estou em fase de empoderamento porque em minhas memórias não tem representatividade negra. Não conseguia perceber o racismo, porque a igreja sempre me fez crer que eu era no máximo parda, que deveria ser e parecer com os brancos. Eu sempre me neguei a ser negra.

Na faculdade, às vezes sinto que não é o meu lugar porque é muito mais, tanto que cheguei a querer trancar o curso por não conseguir acompanhar os demais colegas. Eu faço jornalismo na Universidade Federal do Tocantins. Teve uma vez que uma colega tirou meu nome do trabalho, porque disse que eu não sabia escrever com coerência sendo que eu tinha me esforçado tanto para fazer aquela atividade. Toda empolgada porque alguns professores me motivaram a não desistir. Trabalho o dia inteiro e às vezes é de noite é que tenho meu tempo para estudar e bem corrido, sem contar com problemas familiares, tinha as dificuldades por deficiência na minha alfabetização no modelo de estudo, da escola rural, das salas multiseriadas. Senti e sinto, muita falta de bagagem da cultura letrada e linguística.

Em minha família sou umas das únicas conseguir entrar na universidade pública, estou contrapondo tudo que os outros esperam de mim, às vezes nem acredito que estou superando os variados limites que tenho. Hoje consigo dar a devida importância a minha existência, porque me inspiro em outras mulheres e quero também ser inspiração para muitas. Por isso foi importante ter coragem de fazer esse ensaio.

Sabia que era negra mais não me identificava como tal, porque no fundo em subconsciente sabia que ser negra, como a igreja me dizia, era uma coisa muito ruim, agora estou conseguindo lidar com minha negritude. Eu queria me tornar mulata a qualquer custo, mas a geografia de meu corpo não é como o padrão da sociedade, que considera ideal. Na vida não via em protagonismos mulheres como eu.

NEGRA NO QUILOMBO

Vim ter uma forte ligação ao conhecer o quilombo queria ficar morando lá, por que me sentir em casa, falam a minha língua, suas vivências, suas dores, seus sonhos e luta por empoderamento. É incrível a relação de pertencimento, o esforço que eles fazem para tentar preservar a origem. Vivenciar a experiência de visitar a comunidade quilombola foi muito importante para mim, por um lado foi à questão de identificação e do outro, foi perceber o quanto ainda precisa desenvolver políticas públicas que venham erradicar as desigualdades sociais.

A comunidade quilombola do Mumbuca tem vários gargalos. A começar porque são remanescentes há muitos anos e não foi definida a questão da demarcação de suas terras. Tanto a comunidade Mumbuca quanto a comunidade do Prata são desassistidas com relação à valorização de sua cultura, pois até o presente momento não recebem disponibilização de recursos para fomenta e preservar a cultura e o local.

A geração de renda da comunidade vem da loja da associação, eles trabalham com

artesanato no capim dourado, fazem diversos artigos. As crianças aos 4 anos de idade já são ensinadas a tecer capim dourado, tanto por tradição quanto para colaborar na geração de renda familiar. Alguns jovens relataram que tem interesse em estudar na área, já chegaram até passar na prova do Instituto Federal do Tocantins - IFTO na primeira chamada, mas quando veio ter acesso ao computador já havia passado do período de se apresentar, lamentam muito por perder esta oportunidade de estudo.

Na comunidade também não tem laboratório de informática para que as pessoas possam se conectar, algum tem celular, o sinal é precário, a grande maioria não tem conhecimento tecnológico nem acesso aos recursos informáticos. Com relação à cultura, a igreja evangélica interfere muito na preservação dos costumes dos ancestrais por terem a visão que religião e a cultura não podem caminhar juntos. A própria comunidade poderia ter uma acessória para registro e divulgação sobre as histórias seus ancestrais, costumes, contos, suas festas, técnicas de confeccionar suas artes, já visando complementar a educação das próximas gerações e também a riqueza histórica de nosso estado. Ali no quilombo vi também como a igreja investe contra as práticas culturais e finge de cega e surda para os problemas sociais.

A comunidade está tentando ainda que timidamente se estruturar e se instrumentalizar com a efetivação de um conselho para tentar ter voz ativa nas decisões de cultura. Porque são constantemente exploradas suas imagens, seus costumes, mas não recebem nenhum tipo de retorno, e tudo canalizado para receita estadual e a comunidade sobrevive de pequenas dozes de assistência.

A assistência à saúde ainda é muito precária e insuficiente. Presenciei uma idosa de 70 anos se lamentando e se contorcendo de muita dor em todo corpo, segundo ela disse que há aproximadamente 3 anos aguarda um retorno em um especialista e não tinha dinheiro para comprar a medicação indicada quando teve a última consulta. Acompanhei esta senhora até a cidade e no único posto de saúde de Mateiros, sede do Município também não conseguiu ser atendida, pois não havia médico de plantão, recorreu a uns dos gestores do município e foi orientada a aguardar em casa até que a situação fosse solucionada. Esta senhora retornou todo o trajeto de difícil acesso para sua residência sem assistência médica.

A saúde bucal é um dos fatores que também são insuficientes para não dizer inexistente, alguns contam que preferem ir à cidade extrair os dentes porque não tem condições financeiras para fazer um tratamento odontológico. Na comunidade, as mulheres estão em destaque, pois estão sempre à frente participando na educação dos filhos, na geração de renda, nos estudos, são lideranças comunitárias, mesmo sob o poder e influência da igreja evangélica que torna tudo mais difícil para as mulheres.

Alguns jovens compartilharam suas experiências cotidianas na persistência para conseguir estudar, o município disponibiliza o micro-ônibus para ir buscar os alunos na comunidade, porém o veículo está em situação calamitosa. Passa mais tempo quebrado do que em funcionamento, relatam que inúmeras vezes passam a noite ao relento na estrada aguardando socorro mecânico.

Passam por situações vexatórias com os professores, por não compreenderem suas limitações para conseguir chegar à escola. Disseram que já tiveram vezes que foram insultados com palavras de baixo escalão por alguns professores, alegam que eles querem se beneficiar por ser quilombola com relação aos prazos de entregas das atividades. Se sentem incomodados por que se reclamar na direção eles sofrem retaliação que impactam diretamente em suas notas. A escola, assim como foi para mim, é uma espécie de casa grande e nós, negros e negras, nunca fomos e nem seremos bem-vindos.

As poucas que cursam faculdade relatam que viajam mais de 1.500 km para chegar a universidade, pois estudam o curso de educação do campo, ofertado pela UFT, no campus de Tocantinópolis, a bolsa que recebem de auxílio para custear as despesas foi drasticamente reduzida, sendo que ela tem que pagar aluguel, comer, vestir, pagar passagem, comprar material de apoio. Relatam que grande parte de suas refeições é beju e pão com mortadela, passam por muitas dificuldades, mas a mais dolorosa é a alimentação. Por muitas vezes dormem com fome, passa o dia tendo vertigem.

Ressaltam o que motivam a se manterem firmes é o desejo de adquirir conhecimento e levar algum benefício para sua comunidade. Falam que toda vez que retornam à comunidade não tem

vontade de voltar, todas as vezes que precisam refazer as malas é motivo de lágrimas e dor, porque sabem as dificuldades que terão pela frente. Teve uma jovem que me confidenciou que sobre sofre demasiadamente preconceito com relação à tonalidade de sua pele, a região em que mora, a limitação financeira só não desiste porque ela olha para sua comunidade e se ver com a missão de poder proporcionar melhorias para seu povo.

Tem muita dificuldade na universidade para fazer os trabalhos acadêmicos devidos os laboratórios de informática ter horários rigorosos para o uso. Constantemente entrega as atividades incompletas por não ter tempo e mecanismos suficientes para concluí-los. Mas se orgulha de sua cor e de seus cabelos volumosos e cacheados e de ser mulher negra quilombola. Percebo que nossas dificuldades são as mesmas só que manifestada de forma diferente. A discriminação e desigualdades sociais são multifacetadas, mas são as mesmas.

Considerações

Relacionando com minha trajetória além as dificuldades e limitações financeiras e a questão do pertencimento, eu não tinha consciência por isso não me assumia, nem assumia minha negritude porque estava cheia de concepções equivocadas. Sim! As pessoas podem até olhar para mim e dizer que é um absurdo me classificar assim como negra, mas é só olhar o meu nariz e raiz do meu cabelo quando cresce apenas 1 centímetro, minha origem se extravasa. Minha cor, preta, meus lábios. Sou negra em corpo e agora em alma e coração.

Ao contrário das mulheres quilombolas que tive contato, elas têm convicção de suas histórias sua origem e são autênticas em valorizar a sua cor desde criança são ensinadas pelos seus parentes, seus cabelos são maravilhosos. Eu não ouvia isso nem da minha mãe. Muito pelo contrário. Lá no quilombo as mulheres são negras, apesar da igreja. As mulheres são negras em tudo.

Minha missão é buscar conhecer minhas histórias e origem, e registrar as histórias da comunidade com outras narrativas, lutar para que estas descobertas não sejam silenciadas ou esquecidas. Saber ser negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade em suas experiências submetido a exigências de se comprometer-se a resgatar sua história e recriar suas potencialidades. Ao negro cabe à vanguarda desta luta assumindo o lugar de sujeito ativo, lugar de onde se conquista uma real libertação, paráfrase das palavras da escritora Neuza Santos.

Referências

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em 29 de setembro de 2017.

Aceito em 30 de outubro de 2017.